

OS DEZ PRINCÍPIOS HUMANITARISTAS

AÇÃO DIRETA

MENSARIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

Administrador: MANUEL PERES

ANO VII — N.º 88

Rio de Janeiro, Agosto e Setembro de 1953

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.538

ENTRE NÓS O COMPANHEIRO EUGEN RELGIS

Em viagem de repouso acha-se entre nós vindo do Uruguai, onde adquiriu cidadania, o companheiro romeno Eugen Relgis. Dêle de sua agitada vida, de seus escritos falaremos no próximo número. Relgis fez aqui duas conferências uma sobre o papel da arte e outra sobre o pensamento de Rodó. Relgis fez contrato com duas editoras, cariocas para a publicação em português de três obras. A tradução está a cargo do companheiro José Oiticica e deverão estar impressas em princípios de 1954. Com ele veio sua devotada e culta companheira. Ambos nos saem mais fraternais boas-vindas.

AS LADROEIRAS DO FUNDO SINDICAL

AS FAVELAS E O ALCOOLISMO

Por EDGART RODRIGUES

Por curiosidade, subi a algumas favelas e depararam-me um triste drama: a miséria dos oprimidos, a miséria provocada pelo desprezo dos governantes.

Falta limpeza nas ruas. Não há esgotos. Tudo vegeta na terrível podridão das vielas esburacadas e imundas. Os urubus sobrevoam tais aglomerados como se fosse aquilo depósito de lixo.

Não há assistência, nem fácil meio de transporte. Os doentes que se podem arrastar à cidade morrem abandonados pela medicina. As únicas figuras majestosas, infalíveis ali, são o padre e o cabo eleitoral, dois mandantes da miséria favelada. Depois desses, o botequieiro e o mercieiro, acastrados na exploração.

Os habitantes não têm instrução, em geral. Seus poucos salários, raramente excedentes a quarenta cruzeiros diários, não permitem que seus filhos frequentem as escolas primárias. Por outro lado, o Estado os impede de trabalhar antes dos dezesseis anos. Que lhes resta fazer? Um caminho único, aquele pelos quais seus pais já passaram: vagar pelos morros, conhecer outros infelizes, sem instrução, praticamente sem pais, sem escola, germinando como tortulhos nos descampados. Na melhor época da vida, em que deveria aprender a ler, aprende a assoviar, a conhecer clubes de futebol e os nomes dos jogadores. Logo mais, entra no botequim e, por brincadeira, se embriaga.

Dali em diante, seu tempo é distribuído desta maneira: seis horas no jogo e seis no botequim. A embriaguez por brincadeira, por graça, passou a ser por desgraça. E-lo bêbedo, a cair, saltando palavras de toda espécie. Surge um conflito. Ai vem a faca e, no dia seguinte, serve de título aos diários. Aos dezesseis anos entra na prisão e, quando de lá sai, está doutor em ladrão e assassino. Recebeu tal formação junto a tantos outros infelizes, nos cárceres.

Sua vida é, depois, a de chefe de um grupo de refugiados num morro onde a polícia não se atreve a ir. Em todas as suas palavras se manifesta revolta, vingança contra quem supõe seu opressor. Sua ignorância não permite conhecer, diretamente, as causas de sua desgraça, e esse é o motivo de revolta contra tudo e todos. Seu drama tem um triste significado: é um fruto apodrecido pela sociedade capitalista.

E seu pai? E seus irmãos? Lá estão naquele barraco, na encosta do morro, onde pentram chuva e frio por entre as juntas da madeira velha.

Su alimento é feijão preto e raras vezes carne seca. Sua mãe está tuberculosa e sem assistência médica, rodeada pela miséria e sete filhos a pedir pão. Duzentos e oitenta cruzeiros por semana são os vencimentos, ainda reduzidos pelo desconto do mal-dito instituto. O médico cobra, por uma consulta, o que seu marido ganha em sete dias. Como tratar-se? Impossível! Só lhe resta morrer.

Amanhã, essas sete crianças abandonadas na favela, sem mãe, talvez sem pai, que serão senão ébrios, assassinos (como o irmão) ou prostitutas (como a irmã) que se pode mais esperar dos infelizes abandonados? O ambiente lhes indica o mau caminho.

Eis a sociedade comprando escravos, a quem? A miséria, ao abandono, ao isolamento. A miséria oferece; a sociedade aceita. Mas, que fazer sem um amigo, sem instrução e com a sociedade madrastra? Adaptar-se aos usos e costumes da favela, dançar na escola de samba e praticar na escola do crime. São esses os caminhos que lhes indicam os governantes. De que serve em cada esquina um polícia se os infelizes não têm pão? De que servem as ruas iluminadas se lá só existem analfabetos? As vinte e cinco letras do alfabeto têm mais luz do que as ruas e toda a constelação celeste.

Aos malabaristas das leis e aos senhores do ouro digo: "Se substituídes cada polícia por um professor e cada cadeia por uma escola, estou certo de que todos os cérebros apagados se iluminariam e as facas seriam substituídas pela enxada ou pelo martelo. Passariam, então, a seres úteis e ativos. Dêsse modo, nós e os favelados estaríamos a caminho de uma nova vida adequada ao nosso esforço de trabalhadores.

NOTA DE AÇÃO DIRETA. Que professores nomearia o governo burguês para as novas escolas? Professores idênticos aos demais, preparados para ensinar, as crianças faveladas, respeito ao Estado e a suas leis, à Igreja e seus sacerdotes, à propriedade e à polícia, isto é, submissão à ordem capitalista sem qualquer sentimento de revolta ou brio humano. A escola ensina, quando muito, a ler; já serve; mas, também coopera para a escravidão religiosa e legal, o que é pior.



CARTA A UM BISPO

Por JOSÉ GOMES CARDOSO

Imo. Snr. Dom Lafalete Libanio Digníssimo Bispo Diocesano de São José do Rio Preto.

Prezado senhor: Todos os brasileiros que guardam no coração um resquício de sentimentos humanitários, se sentem alarmados com as notícias propagadas pela imprensa, acerca dos menores desamparados. Consta existirem, só na Capital Federal, para mais de 250.000 crianças abandonadas, 100.000 em São Paulo, outros milhares aqui e ali, talvez mais de um milhão em todo o território nacional.

Após aquelas notícias, outras mais alarmantes foram divulgadas, segundo as quais a mortalidade infantil neste estado, onde as condições de vida não são das piores, atinge um coeficiente elevadíssimo.

A criança é o cidadão de amanhã e a educação que lhe dermos hoje constitui o alicerce da pátria futura. Uma geração culta é um grupo de homens que, na infância, receberam amparo e educação por parte de seus responsáveis. Julga-se uma nação pelo índice do seu progresso, o que vale dizer pela cultura do seu povo, pois estultície é alimentar-se esperança de progresso sólido e real por parte de uma massa inculta, e isso é axiomático ante o panorama que neste momento se desenrola em nossa pátria. Por melhor boa vontade que tenhamos nossos dirigentes, toda iniciativa esbarra ante a inércia de uma massa iletrada, secularmente desamparada, verdadeiro peso-morto na vida nacional, sob o ponto de vista social, econômico ou político.

Chegamos a esta situação devido ao desleixo dos governos anteriores. Que males nos reservará o futuro, se permitirmos que o problema da infância permaneça nesse estado? De todos os responsáveis se exige cooperação e o máximo esforço, inclusive o das classes religiosas.

Com o fito de não me estender demais e entrando logo no ponto que nos diz respeito mais de perto, em São José do Rio Preto também existe o problema da infância desamparada. Cumpre-nos extingui-lo e é por esta razão que me dirijo a V. S. Membro que é de uma instituição religiosa de

incontestável projeção e prestígio, sei que V. S. não olvidará meu apelo.

Há muitos anos já, encontram-se paralisadas as obras do Asilo N.º 2, de Fátima que, segundo me informaram, se destina a abrigar crianças órfãs. Por inexplicáveis razões também se encontra na mesma situação o Abrigo Ademar de Barros. Em ambas essas instituições, foram invertidas quantias imensas e dinheiro empastado sem utilização significa prejuízo, desperdício.

Enquanto aquelas duas instituições permanecem assim, em estado de permanente construção, diversas igrejas foram iniciadas e terminadas, entre as quais a dedicada ao mito "N.º S.ª Aparacida", para cujo custeio se realizou, recentemente, mais uma das imeritáveis quermesses a que a cidade tem assistido, onde não faltou a colaboração de crianças que se arriscam a ouvir insolenças de pessoas mal educadas, como presencié certa ocasião, para passar bilhetinhos de rifas.

Ora, a cidade já conta com grandes e inúmeros templos para uso dos fiéis católicos. Por outro lado, carece com urgência de instituições destinadas a abrigar e instruir menores. Diante disso, eu ousei sugerir que se suspenda a construção de qualquer igreja, inclusive conventos e casas paroquiais e se empregue o numerário ora arrecadado no término das duas casas supra-mencionadas e na fundação de outras de que a cidade carece.

Neste momento, um sólido prédio está sendo erigido, destinado, segundo consta, à casa paroquial. Os sacerdotes precisam de residências, pois a crise de habitações, que obriga famílias inteiras de trabalhadores a morar em pardeiros e cortiços, também os atinge. É justo, pois. Todavia, creio não ser tão urgente a ereção de mais templos, pois, segundo meu modo de pensar, obras de assistência, destinadas a minorar os sofrimentos humanos, agradam mais ao Deus de que todos esperam graças faceis, que casas de exercícios rituais, destinadas ao culto dos mitos. Pelo menos é isto que deduzo da leitura das Sagradas Escrituras:

— "Aquele que não ama, não conhece a Deus; porque Deus é caridade." (Continua na 3.ª pág.)

Os políticos estão assanhadíssimos com as comilâncias pantagruélicas do Fundo Sindical. Note-se: os políticos de baixo os apedoados da governança. Essa nota significa, em nosso entender, que, se um dia galgarem o poleiro, passarão igualmente à classe roedora. Em toda a história, sempre foi assim, com raríssimas exceções.

Aos 16 de julho, por exemplo, o sr. Magalhães Junior esbravejou num artigo do Diário de Notícias, contra os pelegos do Fundo Sindical. O novo ministro do trabalho, um Goulart qualquer, prometeu, inicialmente, combater com a fome canina. E o sr. Magalhães a glosar: "Promessas iguais foram feitas pelo interino Marcial Dias Pequeno, pelos experimentais Danton Coelho e Segadas Viana. Mas, os ratos do imposto sindical continuaram comodamente o seu trabalho de roedores nos desvãos misteriosos do Ministério do Trabalho. Se o ministro atual tiver a coragem de mandar dissolver desde logo a chamada comissão do Fundo Sindical e de mandar punir os dilapidadores, conhecidos mas até hoje sem castigo, nenhum brasileiro honesto, nenhuma pessoa digna, nenhum trabalhador consciente lhe regateará os aplausos a que terá direito".

Mais adiante, o articulista sai-se com esta: "Quem alertou os trabalhadores sobre o desvio de suas economias, aplicadas, não em seu benefício, mas no benefício dos aventureiros congeitados sob a égide de uma errada política do Ministério do Trabalho? E de justiça que se diga: foram os líderes do Partido Socialista Brasileiro. Foi a voz poderosa e eloquente de João Mangabeira, foi o verbo de Hermes Lima, foi a palavra de Domingos Velasco que, na legislatura passada, no Congresso Nacional, levantando a questão numa advertência ao governo, demonstrou a iniquidade, o abuso, a insensatez de tal política. Foi o articulista que mantém esta coluna o jornalista que mais vivamente combateu os gastos ociosos do Fundo Sindical, coerente com a mesma linha sustentada por aqueles parlamentares. Mas as nossas vozes não foram ouvidas. Não conseguimos abalar a indiferença dos administradores. E tudo continuou como dantes no quartel general de Abrantes".

Ora, isso que disse o Partido Socialista Brasileiro, temos nós, os anarquistas, dito há muito, antes de se atochar o Fundo Sindical da dinheirama (Continua na 4.ª pág.)

A IGREJA E A QUESTÃO AGRÁRIA

Por JOSÉ OITICICA

A Agência da Boa Imprensa, de Santos, mandou-nos uma circular sobre a ação da Igreja na reforma agrária, atualmente em evidência.

Preliminarmente, não nos consta haver jamais a Igreja Católica pensado em amparar de qualquer jeito os trabalhadores de campo. No Império, sempre esteve ao lado dos escravocratas e antes, quando queria ser dona exclusiva dos indios para suas lavouras, pregou a caça aos negros africanos. Se não escravizou negros, foi para livrar-se das despesas e mais riscos da travessia com mais de quarenta por cento de mortes.

Agora, essa Igreja, legítima escravocrata de todos os tempos, ouve falar em questão agrária; sente nisso, como declara a circular, mão dos comunistas e, só então, acordou e se fez campeã de uma reforma, à sua moda. Segundo essa reforma, tudo ficará como dantes, o latifundiário os pequenos proprietários e os assalariados! Alardeia a circular que o bispo d. Geraldo de Proença Sigaud, ordinário de Jacarezinho, publicou, no Digesto Econômico de S. Paulo, formidável artigo orientador.

Os bispos do Paraná aprovaram a proposta do bispo Sigaud.

Vale a pena verem os trabalhadores as bases da reforma católica. O primeiro fim é garantir a grande número de trabalhadores rurais a propriedade da terra e aos assalariados retribuição justa, com salário mínimo e de família. (Continua na 4.ª pág.)

A PSICOSE AUTORITÁRIA

É indubitável que as ditaduras não se sustentam, apenas, sobre o sistema de terror organizado com que submetem os elementos inquietos em cada país.

Há uma base moral que contribui para seu sustento, agregaremos, para a sua extensão: a renúncia do exercício da personalidade por parte dos trabalhadores e do povo em geral, em primeiro lugar; a psicose autoritária criada e difundida pela influência do marxismo, em segundo.

É mais cômodo aceitar que decidir. Custa menos obedecer que rebelar-se. São necessários menos esforços e menos ação em seguir uma linha e senha, que submeter à análise fatos e idéias, que tomar posição ante todos os problemas.

Por isso estimamos que a crise de idéias de que adoce o mundo moderno é a base espiritual de todas as ditaduras, desde as do tipo fascista, como a espanhola e a argentina, até a de tipo comunista, como a da Rússia.

Demais, por regra quase histórica, a direção da sociedade, tanto nos tem-

pos primitivos, quanto nos tempos modernos, não caiu nunca sob as mãos dos mais honestos, dos mais escrupulosos, senão nas mãos dos mais audazes, dos mais ferozes, dos espíritos mais primitivos, além de mais ambiciosos e autoritários.

As ditaduras recebem impulsos e força na abulia e abdicção popular. Os movimentos operários de inspiração libertária e as comunidades anarquistas de todo o mundo, não podem assistir impassíveis a essa degeneração da classe operária, nem podem desconhecer os fatores morais que contribuem para a sustentação das ditaduras que podem criar novos focos autoritários.

Convém lutar encarnadamente contra a psicose autoritária que aceita, tolera e reforça a ditadura.

A psicose autoritária, filha da influência marxista, invade, inclusive o terreno intelectual, quando inteligências inquietas e homens espiritualmente colocados acima do nível comum se debatem em lutas consigo mesmos, buscando onde ancorar a (Continua na 3.ª pág.)



O Novo e o Velho

Por RAFAEL BARRET

Nem todos os argumentos dos que defendem o passado merecem nossa estima. Há quem venere o velho porque o velho vive a semelhança desses bichos que roem madeira decomposta e papel de arquivo. Quanto mais antiga é uma lei, um costume, uma teoria ou um dogma, mais se respeitam. Havendo-se contemplado na existência dos séculos idos vislumbra-se-lhes na dos futuros como uma provisão inesgotável que poderão roer as gerações conservadoras.

E, não obstante, que pobre argumento é o da ancestralidade das idéias! É difícil não sorrir quando se abre um código e se lê ao pé da página a sisuda nota na qual o comentarista fundamenta um artigo. "Esse artigo é quase sagrado — murmura o injeleiz —; vem-nos das Partidas, dos Romanos." Ah, os Romanos sobre tudo! Mas a humanidade muda, inventa, sonha, e, pelo comum, quanto mais velha é uma coisa, mais inútil é. O velho é um resto do bárbaro. É um vestígio do mal, porque o mal é o que deixamos às nossas costas. Certo as leis que nos encadeiam são romanas ainda, o que me parece escandaloso após dois mil anos; felizmente nossa física e nossa biologia não são as de Roma, são as nossas.

Muitas imemoriais construções devem sua duração a seu divórcio mesmo com o real. Não são nem sequer obstáculos. As correntes da vida se acostumaram a contorná-las para passar adiante e passam com graciosa curva sem já tocá-las. Não é obediência, é esquecimento. Quem hoje, por muito Papa e muito Bispo que seja, já dedicou meia hora a meditar seriamente sobre o problema da Santíssima Trindade? E, não obstante, já se apunhalou muita gente nas ruas por causa dele. O maxambombas carunchosas, erguidas em meio da distração universal! Um bom dia, o pensador as vê, ri-se delas e derruba-as com um sópro. Bastou um irritado sacudir de ombros para que o povo francês despusse o trono mais glorioso da Europa. Amanhã, bastará um gesto para

varrer do mundo as sobras romanas. A imutabilidade não é sinal de força, mas de morte. Há, entre nós, idolos enormes que não são senão cadáveres de pé, múmias que um olhar reduz a pó.

Outros adversários, delicados amantes das ruínas, nos dizem: "Que ingratos sois com os mortos! Sois filhos e herdeiros dos mortos tudo quanto tendes era seu. Vosso pensamento e vosso idioma, vossas riquezas e vossos amores, tudo isso vos legou o passado. E voltais contra o passado de que está feito vosso sangue e vosso espírito, as armas que haveis recolhido nas tumbas. Suicidai-vos cortando vossas próprias raízes".

Pois bem: não! Não somos somente filhos do passado. Não somos uma consequência, um resíduo de ontem. Antes de efeito, somos causa, e eu me rebelo contra esse mesquinho determinismo que obriga o universo a repetir-se eternamente idêntico sob suas máscaras sucessivas. Não! O passado se entorrou para sempre em nós mesmos. Dizem que é talvez limitada a matéria disponível, que fabricamos o vaso novo com o velho barro, que, para reunir meus ossos, tomaram as cinzas de meu pai. Dizem que a natureza, no seu nobre afã de fazê-la mais formosa, funde e torna a fundir inafatigavelmente o bronze da estátua. Mas que importa a matéria?

A forma, a alma, é o que importa. Sobre o passado, está o presente. Tudo é novo; nova a alegria das crianças, nova a emoção dos namorados, novo o sol de cada aurora, nova a noite a cada ocaso, e, ao morrer, nossa angústia não será a de nossos antepassados mas um novo drama das beiras de novo abismo. Não digais que o filho reproduz o pai. Não pronuncieis essa frase cruel e néscia: "herdamo-nos, reproduzimo-nos, somos os de antes". Blasfêmia profunda a que faz da humanidade espectros e não homens. Não somos o passado, mas o presente, criador do que não existiu nunca. Não somos a recordação: somos a esperança.

Lá Como Aqui

Numa notícia cinematográfica, inserta num matutino carioca, aos 25 de julho passado, refere-se o redator ao filme *Anos difíceis* do italiano Luigi Zampa.

Conta a história rude desse filme fustigador dos atuais donos da Itália, sobievntes mascarados do naufrágio fascista, porém marcados ainda com o ferrete hediondo.

O pulhas vetaram a rotação do filme e o redator explica os motivos dessa oposição: "É que o filme, explica ele, se baseia na descrição de certas manifestações de corrupção e suborno de autoridades administrativas (ex-fascistas, mas conservadas pelo atual regime em postos de importância), fenômeno deplorável que se verifica em todos os Estados modernos, facilitado pela crescente invasão do estatismo contemporâneo na atividade das cidadãos". "Havia o perigo, prossegue o redator, na opinião da comissão, de o público italiano, que tem o pendor para generalizar o que se lhes apresenta nos filmes, acabar formando péssima idéia da burocracia e da administração atual da Itália e o filme converter-se destarte numa espécie de requisiório contra a república italiana".

Leram bem os leitores? Lá como aqui! O redator estabelece, como fato concreto, a invasão segura do Estado moderno, em toda parte, em todos os países, na vida dos cidadãos. É sabidíssimo que, nos campeões da democracia, Estados Unidos à frente, essa invasão já tresanda a totalitarismo e os próprios americanos proclamam a corrida vertiginosa da poderosa nação para o fascismo embora mascarado.

Isso para os anarquistas é mera confirmação da lei firmada pelo grande anarquista Miguel Bakunin: "Onde houver dois Estados, há dois concorrentes e onde há dois concorrentes há guerra em preparo e, finalmente, guerra declarada".

A superfetação do Estado totalitário, ditatorial, russo, haveria de repercutir nos demais países e provocar a superfetação de outro Estado totalitário, potencialmente guerreiro.

Um dos característicos do Estado fascista, totalitário, é, com a concentração dos poderes nas mãos de alguns, a concomitante concentração de todas as riquezas hauridas da massa popular. Essa imponente concentração gera, nos dirigentes, a megalomania com o vivo sentimento de **senhores de anos**, de **donos** daquilo. Isso aconteceu com Mussolini, pobretão de sempre, repentinamente guindado a arquimilionário. A roubalheira no seu tempo era proclamada por quantos podiam apontar os ladrapios, até que o **manganelo** e o **confinio** emudeceram de todo a voz da oposição.

Em suma, o filme conta a verdade pura e essa verdade pura os remanescentes da orgia fascista a quem esfumada, arrosada, bonitinha, uma pilula dourada como não sido todas as do regabofe getulista, o das célebres coordenações.

Também o totalitarismo brasileiro se constituiu numa quadrilha bem exercitada, impune até hoje e, pensamos, para sempre.

Ladrões foram; ladrões continuam, na ditadura como na república, porque isso de roubar ou furtar, à mão bruta ou com mãos de gato, sempre

Sabatina Libertária

RESPOSTAS FORNECIDAS PELA REDAÇÃO DE "A PLEBE" AOS SEUS LEITORES

É de uma leitora de São Paulo a primeira carta, que diz coisas interessantes:

"Tomei conhecimento da existência do jornal "A Plebe", há dias, por acaso. Gostei.

Apesar de ser uma simples empregada doméstica, e ganhar apenas Cr\$ 500,00 por mês, compro bons jornais sempre que posso. Moro num porão. Posso ficar sem comer, mas não fico sem ler.

O seu jornal é bom. Um tanto teórico, se V. S. me permite esta franqueza, mas, em compensação, tem, possui idéias e ideais. Acho-o teórico e um pouco metafísico, porque o seu jornal oferece a felicidade para os famintos para os fins deste execrando século. V. S. e os seus colaboradores dizem: "Lá pelo ano 2.000, os famintos comerão, terão morada compatível com a dignidade humana, poderão viver, em suma, a felicidade".

V. S. não acha essa proposição sumamente irônica?

O artigo "Problemas da Mulher" é ótimo. De fato, a mulher ainda não teve o seu 93.

A Bastilha infame dos preconceitos ainda faz desta metade do gênero humano um trapo, um traste, uma baixela...

O desnível entre o salário feminino e o masculino é enorme.

A mulher trabalha sempre oito horas mais que o chamado sexo forte, e ganha sempre três vezes menos, apesar de ser chamada sexo fraco.

É a mulher, neste nefando regime capitalista, a verdadeira besta de carga. Carrega sobre seus ombros todo o peso do serviço doméstico, e, ainda por cima, trabalha em fábricas, repartições públicas, na lavoura, etc. Os homens, os senhores deuses das hostes, apenas têm o trabalho de brilhar, de aparecer, de serem os tais...

Pal por pinceladas, o senhor homem acha-se a coberto de todos os preconceitos. As convenções iníquas, burlescas, brutais, imbecis e anti-higiénicas, só atingem a sua companheira de jornada.

As mulheres nascem de selim, os homens nascem de esporas.

Até quando?

Até quando vai perdurar esta humilhação para a mulher?

Célebra mater da sociedade, condição "sine-qua non" do mundo, a fêmea humana é relegada, nesta nefanda sociedade capitalista, à condição de reprodutora da espécie, de enche-mundo de famintos e de escravos, de loucos, de bêbados, de tarados, de ladrões e de assassinos!

E porque motivo é a mulher tratada de semelhante modo?

É porque homens esclarecidos, como o senhor, editam jornais oferecendo a redenção dos desgraçados para o ano 2.000 — A. R."

Não sabemos como, pela leitura de nosso jornal, a senhorita A. R., que o considera bom, com idéias e ideais, porém um pouco teórico e metafísico, afirma que os anarquistas oferecem a felicidade aos famintos para o ano 2.000.

Permita-nos, prezada jovem, dizer-lhe que, neste ponto, está absolutamente errada, e esclareçamos por que.

Os anarquistas, assim como nada pedem, nada oferecem, porque não se apresentam como messias, como líderes, como mentores ou como demagogos políticos, que prometem este mundo e o outro, imaginário, para que os elevem às alturas dos órgãos governamentais.

Nós, os libertários, esposamos um ideal que propugna a substituição da sociedade atual, caracterizada pela iniquidade da exploração e pela tirania, por outra, baseada no princípio da igualdade social. E, convencidos da

justiça desse ideal, por ele nos batemos, divulgando-o por toda a parte, ao mesmo tempo que lutamos com o povo, a que pertencemos, na reivindicação de seus direitos, sujeitando-nos a todas as consequências dessa luta.

Aponta-nos como teóricos e, de fato, o somos, desde que temos de divulgar a doutrina, anárquica, isto é, de expor os princípios e métodos do anarquismo, o que, entretanto, sempre procuramos fazer da maneira mais simples possível, com a máxima clareza. Por isso, não podemos ser acolhidos de metafísicos, pois fugimos das conclusões abstratas, não tendo a nossa obra nenhuma feição transcendental.

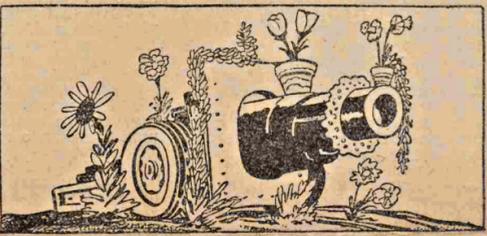
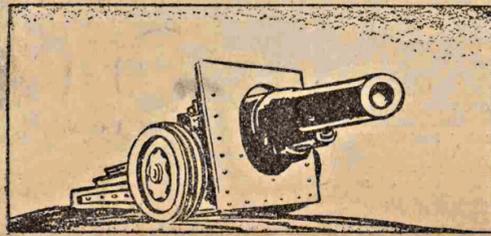
Os anarquistas têm participado direta e ativamente, em pessoa, não ditando palavras de ordem para outros cumprirem, em todos os movimentos sociais, procurando levar os acontecimentos no sentido da transformação imediata do sistema social ou, quando menos, para que resultem deles a maior soma possível de conquistas para o povo.

Durante a revolução russa, constituiram, animaram, orientaram e defenderam as comunas livres na Ucrânia, o mesmo tendo feito na revolução da Hungria.

Na revolução espanhola foram eles que tiveram atuação mais decisiva, organizando as coletividades agrícolas, na base do comunismo livre, sem ditadura e com respeito da personalidade de seus elementos, socializando as indústrias e outros centros de produção, em Barcelona e demais principais meios ibéricos.

Onde quer que se lute contra o fascismo e todas as manifestações de tirania, são encontrados os anarquistas na primeira fila dos combatentes.

Será isto o que a senhorita considera atitude em prol da felicidade para o ano dois mil?



A PAZ AMERICANA

A PAZ RUSSA

O ESTADO PROTETOR DOS RICOS

Data vênica, transcrevemos, do Diário de Notícias (16-VII-53) o seguinte tópico:

"O GOVERNO E OS TUBARÕES DA FROTA CARIÓCA — As dezenas de milhares de pessoas que diariamente vêm de Niterói para o Rio e vão do Rio para Niterói, continuam na expectativa de uma atitude do governo federal contra o aumento do preço das passagens das barcas e lanchas da Cantareira e Frota Carioca, problema em face do qual cumpre recordar, ainda uma vez, o compromisso assumido pelo sr. Getúlio Vargas, perante o povo da vizinha capital, em ocasião realizado num bairro operário, durante a última campanha de sucessão presidencial.

Reconhecemos que os dirigentes da Cantareira e da Frota Carioca, hoje constituindo uma única empresa, têm menos culpa que os poderes públicos da União, nos crescentes abusos de

que vem sendo vítima o público. A esses poderes é que corria e corre, o dever de acautelar os interesses da coletividade, em vez de entregá-la à sanha da ganância.

Dentro desse programa de extorsão, a Frota Carioca, tendo-se tornado proprietária também da Cantareira, tratou de piorar, progressivamente, o serviço das barcas, já as transformando em mistas — para o transporte de passageiros e veículos —, já abolindo os respectivos horários. Desse modo, para fugir a tamanho desconforto e incerteza, o povo se viu constringido a deixar de utilizar-se das barcas — cujas passagens são de Cr\$ 1,80 —, para servir-se das embarcações da Frota Carioca, a Cr\$ 3,20 por cabeça e nas quais viaja também sem comodidade, de pé, superlotando-as, como único recurso para uma travessia em horário certo. Em resumo, ou o passageiro paga Cr\$ 3,20, ou viaja entre autos e caminhões, depois de esperar 30, 40 minutos a partida de uma das antigas barcas, em cujas bilheterias não se vendem mais, como outrora, assinaturas, com pequeno abatimento no custo das passagens.

Tudo isso, como se vê, obedece a um plano sistemático de assalto à bolsa da população, deservindo-a cada vez mais. Mas a verdade, a triste verdade, é que os diretores de tais empresas agem sempre com a conviência

do governo, que, através de uma chamada Comissão de Marinha Mercante, da qual é presidente um dos elementos mais graduados da própria Frota Carioca, e de sua fiscalização, omissa, ausente, permite e homologa todos esses atentados aos direitos da população.

É o que, no momento, os donos da Frota Carioca e da Cantareira estão esperando: nova demonstração dessa solidariedade governamental aos seus abusos, apesar daquelas soleníssimas palavras do sr. Getúlio Vargas, a 31 de dezembro de 1951, nunca assás lembradas e repetidas: "Enganam-se redondamente os que julgam que o povo brasileiro me foi buscar e me reconduziu ao governo para pescar sardinhas. Vamos fregar tubarões".

Não nos enganamos: os donos da Frota Carioca vencerão, que o Estado sempre esteve e está com ela. A função do Estado não é outra, pois não passa da máquina armada pelos tubarões para explorar os trabalhadores. Só se iludem os cegos!

Um adendo. Segundo o balanço publicado no Diário Oficial a Frota Carioca lucra cerca de 400 mil cruzeiros por mês. A percentagem da diretoria foi de 1 milhão, 440 mil cruzeiros, além de gratificações no total de 1 milhão, 250 mil cruzeiros.

A companhia tenta aumentar as passagens de 3.20 cruzeiros para 5.00!!!

ATENÇÃO LEITOR

Para assinatura dos jornais libertários, C. N. T., SOLIDARIED OBRERA e da revista sociológica e científica CENIT, dirigir-se à LIVRARIA MINERVA, Rua Cristóvão Colombo, 16 — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.

Furtos Por Tôda Parte

Havendo doce, há moscas. Os institutos Sindicais têm dinheiro? O mosquedo afliu devastadoramente. Podemos afirmar: não há instituto de previdência social sem seu ninho de ratos. O dos Bancários não escapa. Sabemos dessas cousas tão somente pelo que vem à tona. Além dos pingues ordenados aos funcionários (roubo legal) avultam as negociatas com o dinheiro recolhido e não administrado pelos sindicatos, nem sequer por eles fiscalizados.

O vereador Couto de Sousa denunciou uma sonora marmelada do Instituto dos Bancários, a propósito da construção de um núcleo residencial em Duas Praias, ilha do Governador.

Segundo esse vereador, houve tráficação onde entram o presidente Peixoto de Alencar, um relator da comissão de sindicância, um médico Tinoco e a própria companhia construtora das residências.

Vira e mexe, a mesma história e a mesma impunidade dos gatunos de caçaca a furtarem o dinheiro dos trabalhadores.

Estes têm o que merecem por terem dito amém às leis do trabalho.

O que é de gosto regala o peito!

LITERATURA SOCIAL

Anatomia da Paz, Emery Reves 20,00
 Ideias Absolutistas no Socialismo, Rudolf Rocker..... 15,00
 Eu creio na humanidade, Ferreira da Silva..... 20,00
 A doutrina Anárquica ao alcance de todos, José Oiticica Procriação Racional, Marie C. Stopes 20,00

Em Espanhol:
 Estampas del Exílio em América, J. Peirats..... 25,00
 La crisis del socialismo, J. Garcia Pradas 12,00
 Romancero de la Libertad, Gregorio Oliván 13,00
 La Revolución y el Estado, Garcia Pradas 17,00
 Páginas Selectas, Multatuli 10,00
 Antología de Pensamientos, Gonzales Pradas 10,00

★
 Pedidos à Livraria Minerva, rua Cristóvão Colombo, 16 — Pôrto Alegre Rio Grande do Sul
 Atende-se pelo Reembolso Postal

REUNIÃO PLENÁRIA

QUE OPINAM OS COMPANHAIROS SOBRE UMA REUNIÃO PLENÁRIA A EFETUAR-SE, PROXIMAMENTE, EM SÃO PAULO?

TODAS AS OPINIÕES DEVERÃO SER ENDEREÇADAS À CAIXA POSTAL, 4588 — DISTRITO FEDERAL.

FIGURAS DO ANARQUISMO

A VIDA E PENSAMENTO DE FLORENTINO DE CARVALHO

Por LIBERTO LEMOS REIS

BIOGRAFIA

Primitivo Raimundo Soares, conhecido nas suas atividades pelo pseudônimo de Florentino de Carvalho, nasceu em Campones, província de Oviedo, Espanha, em 1879. Era filho do professor José Soares Fernandes que, vindo para o Brasil em 1889, se fez comerciante.

Primitivo fez seus estudos primários no Colégio do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo. Terminando o curso primário procurou matricular-se numa escola normal, o que não conseguiu. Mais tarde, quis seu pai que ingressasse no Seminário de Lorena, para seguir o sacerdócio, o que Florentino recusou.

Dadas as dificuldades para continuar os estudos que eram do seu agrado, em 1898 assentou praça na Força Pública. Aos poucos meses de serviço, foi promovido a cabo, sendo alvo de grandes elogios por parte de seus superiores. Mais tarde, pediu transferência para a enfermaria dos animais onde pretendia dedicar-se à veterinária.

Quando ainda cabo da Força Pública, encontrou numa livraria o livro de Kropotkin "A Conquista do Pão", folheou-o rapidamente, ficando impressionado. Esse fato casual levou-o a pedir baixa definitiva da Força Pública em 1902.

Poucos meses depois, foi residir com o pai, em Santos, trabalhando algum tempo nas docas. Depois foi tipógrafo. Foi aí que começou a militar no movimento operário, dedicando-se com verdadeira paixão ao estudo dos problemas sociais. Como militante anarquista tomou parte em quase todos os congressos sociais-proletários realizados no Brasil. Exerceu o magistério particular, tendo criado várias escolas em São Paulo, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais. Em Buenos Aires, também, fundou uma escola quando lá esteve em consequência de deportação. Em certa ocasião, viveu forçadamente a bordo de um navio. Foi quando, em consequência da reação desencadeada pelo governo do sr. Artur Bernardes, o deportaram com muitos outros idealistas. Dada, porém, a sua condição de militante anarquista, em nenhum porto do mundo conseguiram desembarcá-lo. Assim, teve de voltar ao porto de procedência, onde, também, a polícia não lhe permitia o desembarque, sendo forçado a viver em alto mar, tendo o navio como residência celular. Muitas vezes sofreu prisões e castigos e foi vítima, até, de mal-intencionados por parte mesmo daqueles a quem dedicava a sua obra e a sua vida. Faleceu em 24 de março de 1947, em São Paulo, em consequência de grave doença adquirida nas masmorras capitalistas.

BIBLIOGRAFIA

Florentino de Carvalho colaborou em quase todos os jornais e revistas de caráter social. Sua cultura foi verdadeiramente eclética, manifestada em todas as suas produções literárias, orais ou escritas. Escreveu na revista "O Comentário", do dr. Veiga Miranda; "Arte e Vida", dirigida por seu sobrinho Arsênio Palácios e em outras de não menor importância. De 1922 a 1924 dirigiu a revista "A

Obra". Foi redator de "O Libertário" e dirigiu "A Plebe" em breve período.

Como polemista era um adversário temível, mas elegante. Não impunha idéias, expunha-as. E a lógica de suas conclusões desarmava o contendor, fosse qual fosse o assunto, graças ao ecletismo dos seus conhecimentos.

Publicou dois livros: "Da Escravidão à Liberdade", em 1927 e "A Guerra Civil de 1932 em São Paulo". Deixou três obras incompletas: "Crise do Socialismo", "Filosofia do Sindicalismo" e um trabalho sobre a Revolução Espanhola. Dois outros trabalhos foram-lhe destruídos pela polícia quando os ia dar à publicidade: "Síntese de uma Filosofia Anarquista" e "Constituição Socialista Libertária".

PENSAMENTO

O pensamento e a ação de Florentino de Carvalho conservaram, em toda a sua atividade incansável, pureza e harmonia singulares, robustecidas pela força das suas convicções. Jamais aceitou o amálgama de elementos antagonísticos, políticos ou não; mas sempre pugnou contra as "unificações", deixando o seu pensamento claro na seguinte passagem do seu livro "Da Escravidão à Liberdade": "Somente a absoluta falta de senso poderia inspirar a constituição de vastas organizações ou uma federação internacional reunindo promiscuamente todos os princípios que hoje provocam a dissolução. Seria o mesmo que aproximar do fogo a pólvora".

Quanto à organização revolucionária, Florentino pregou sempre a necessidade de um sistema de agremiação operária nitidamente anarquista. Combateu sempre como indesejáveis as organizações de tipo sindicalista, unionista, cooperativista, etc., pelas características de partidos ou seitas, pela sua corrupção política, pelo seu mal de origem. Assim, definiu e esquematizou a organização de ação direta: "A organização operária, para ter eficiência, para produzir em seu seio os elementos revolucionários, não deve estar em justaposição à estrutura do edifício capitalista; deve estar em contraposição". E prossegue: "Tem-se propagado o conceito segundo o qual os interesses profissionais, a questão do salário, de horas de trabalho, do custo de vida e de outras de menor vulto, são imediatas, exprimem a realidade; e os interesses gerais, as questões sociais mais importantes, são mediatas, longínquas, preciosas utopias relegadas para um futuro nebuloso. Presos a este conceito, os revolucionários e idealistas têm ido ao encontro do sofisma, próprio dos sindicalistas e dos sociais-democratas, que faz perder de vista as reivindicações radicais". E mais adiante: "O bom senso aconselha que os anarquistas positivamente as suas aspirações e, seguindo as pegadas de todos os progressos, se sirvam de todo o cabedal de noções em que é inexgotável a nossa doutrina, para, em todo momento e em todo lugar, manterem a atenção das massas presa às soluções anárquicas de todos os problemas supracitados."

A sua concepção da anarquia é a mais elevada que pode a mente humana conceber, é a mais sublime que pode a humanidade desejar e, talvez, realizar: "A anarquia é o ideal de sociedade sem poder constituído, é a tendência para a eliminação da autoridade física, econômica, intelectual e espiritual ou proveniente do privilégio de categoria, de sexo, idade, posição social, etc." E alguns parágrafos mais adiante: "O anarquismo não é um corpo de doutrinas definitivas ou dogmáticas; é um postulado libertário e progressista, que continuamente se enriquece de elementos científicos e concepções filosóficas. A sua essência, sim, é imutável."

Florentino pertencia ao mundo dos que consideram a revolução social como necessariamente anárquica nos seus princípios, nos seus meios e nos seus fins: "Os revolucionários em armas não devem perder de vista que não são soldados: são obreiros do braço e da inteligência e que a ação bélica é um acidente passageiro da revolução." E prossegue, finalizando o livro "Da Escravidão à Liberdade": "Ao rumor da procela revolucionária, precursora de um risonho porvir, toma proporções épicas a ação das legiões rebeldes, cresce o entusiasmo, a vontade de viver, a alegria de viver... ou morrer pelo Ideal." "E depois, extinto o velho regime e vencido o período de perturbação provocado pelos seus vestígios, estará tudo terminado? — Não. Como nada existe de absoluto e os seres não alcançaram a perfeição, a anarquia continuará, através dos séculos, iluminando o homem em sua marcha para mais felizes destinos."

CARTA A UM BISPO

(Continuação da 1.ª página)

— "Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeita a sua caridade. Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu o seu Espírito."

— "Na caridade não há temor, antes a perfeita caridade lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em caridade."

— "Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece o seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, que vê, como pode amar a Deus, que não vê?"

— "E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também a seu irmão;" (Primeira Epístola Universal de João, capítulo 4. O grifo é meu).

Segundo o meu modo de pensar, a verdadeira caridade, a prática da verdadeira fé consiste em proporcionar ao próximo os meios dele criar para si um mundo melhor, onde a inteligência, unida ao trabalho e ao coração, possa extinguir a miséria, o desemprego e a ignorância. Isto é amar o próximo; isto se concretiza o "Amal-vos uns aos outros", pois:

— "Que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras?" Porventura a fé pode salvá-lo?"

— "Se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano e alguém lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fardai-vos, e não lhes der as coisas necessárias para o corpo, que proveito terá daí?"

— "Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma." Epístola de Thiago, capítulo 2. O grifo é meu).

— "Quem pois tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado,

lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele a caridade de Deus?" (Primeira Epístola Universal de João, capítulo 3. O grifo é meu).

Encarando a questão por outra face que não a mística, se proporcionarmos às crianças mais escolas e asilos e menos templos, a religião também lucrará, pois teremos amanhã uma geração sadia e satisfeita, livre de espíritos revoltados que sempre fazem da crença alvo de suas manifestações. A religião no seio da cultura é convicção; no seio da miséria e da ignorância é superstição, é fanatismo e exploração.

Prezado senhor.

Longe de mim o intuito de ferir sua crença, à qual tributo meu respeito. Meu intuito, dirigindo-lhe esta, é apelar para seus sentimentos humanitários com referências a uma obra que mi contribuiu para resolver o problema da infância, desamparada em São José do Rio Preto. Habituada a não temer meus semelhantes, quando me dirijo a alguém, falo claro e sem rebochos, como aqui, não ocultando meus sentimentos nem minhas convicções.

Quando encontro uma criança desamparada, magra, maltrapilha, afetada de tracoma e verminose, como é comum ver-se nas ruas desta cidade, sinto algo dentro de mim que se manifesta na preocupação de como resolver esse problema. Não posso admitir que a ética cristã, pela qual se sacrificaram tantos mártires e idealistas, se concretize hoje na ereção de templos laudatórios e a posse de bens materiais, indiferentes a males como esses.

Nada adiantam, prezado senhor, templos suntuosos, no interior dos quais homens bem nutridos arengam ao público famélico. Tenho visto a criança desamparada entrar na igreja e de lá sair no mesmo estado. Em lugar de templos, dê-se-lhe, amigo, uma oficina de trabalho ou uma escola e o resultado será outro. Seu patricio e semelhante grato

José Gomes Cardoso

Rua Antonio de Godoi, 1680 — Nesta

NOTA de AÇÃO DIRETA — Recebemos do autor uma carta acompanhada por três escritos. Este publicado em 1946, afina com idéias nossas e o acolhemos embora o autor não seja anarquista.

ESTUDIOS SOCIALES

FRANCISCO JUAN LAISSUE

Rua do Rosário 149, sob.

	Cr\$
R. Rucker — Revolución y Regresión	150,00
" — En la Borrascas	105,00
" — Juventud de un Rebelde	90,00
" — La segunda guerra mundial	30,00
" — El apoyo mutuo	90,00
P. Kropotkin — La gran revolución (Historia de la revolución Francesa)	40,00
" — Origen y evolución de la moral	36,00
" — Sistemas de las contradicciones económicas (Filosofia de la miseria)	90,00
P. Proudhon — Que es la propiedad?	54,00
J. M. Guyau — Confesiones de un revolucionario	54,00
W. Godwin — La irreligión del porvenir	90,00
J. Costa — Investigaciones acerca de la justicia política	90,00
A. Fouillée — Colectivismo agrario en España	90,00
Pi y Margall — Bosquejos psicológicos de los pueblos europeos	60,00
" — Las nacionalidades	42,00
James P. Warbase — De la crisis económica a la guerra mundial	54,00
" — El sistema cooperativo (Um método para la reconstrucción mundial)	45,00
Gonzalez Prada — Horas de lucha	54,00
G. Landauer — Incitación al socialismo	120,00
E. Frugoni — Génesis, esencia y fundamento del Socialismo	54,00
C. Chiraviglio — Civilización del trabajo y la libertad	36,00
Saint Beuve — Proudhon — Su vida y su correspondencia	45,00
L. Fabri — Malatesta, su vida y su obra	25,00
J. Nicolai — Liberación del trabajo	45,00
Mortimer J. Adler — Como pensar sobre la guerra y la paz	45,00

N. E. Os leitores de AÇÃO DIRETA terão 10% de desconto.

O BENEFÍCIO

Por P. FERREIRA SILVA



mundo forma os mais diversos espetáculos de variedades que se possam imaginar. Variedades que, se afinam para o trágico, são capazes de fazer tremer a humanidade em comoveções sem igual na fantasia dos autores, ou na habilidade das personagens da ribalta.

E eis que, sem anúncios nem ensaios, uma tragédia caiu sobre a terra. Cenários arderam como palha. As casas de uma cidade inteira foram devoradas pelo fogo. Não era uma cidade grande, mas era uma cidade inteira. Com lares e negócios. Com gente grande e pequena. Com pobres e ricos. Uns ficaram igualados na morte, os outros restaram iguais na pobreza. Na miséria. Pedra sobre pedra era coisa que não se poderia mais encontrar, no devastadíssimo lugar onde antes se erguera uma povoação laboriosa e feliz.

Longe da capital, mas não tanto que a ela não chegasse o eco dos gemidos, o clamor das vítimas, a plangência do luto, a ressonância da dor e o reflexo da desgraça.

Eram alguns milhares de sobreviventes a lamentar a perda de tudo, de entes queridos e de meios de subsistência. Nem o hospital ficou para os doentes. Nem o cemitério para os mortos.

A catástrofe era inexplicável. Línguas de fogo começaram num armazém da estação. As casas eram pegadas, construção apressada de terras que despertam ao agulhão de um produto repentino e logo se transformam nas cidades onde o improviso domina.

Se depressa florescem, depressa murcham. Um calor maior as calcina. Como também um terremoto as pode arrasar.

rio, ali promoviam-se festas de benefício.

Foi então que o Teatro Variedades anunciou a sua contribuição para auxílio às vítimas da catástrofe. Começou a fazê-lo com todos os recursos de publicidade que o seu empresário sabia manejar. Ele foi mais além, anunciou espetáculo novo, surpresas dignas da estréia mais sensacional de toda a sua vida artística. Encomendara um novo argumento, mandara confeccionar o mais luxuoso guarda-roupa, fizera compor especialmente a música e todos os seus artistas apresentariam recursos inéditos, como se a orquestra mais assombrosa fosse executar um concerto de magia e nunca o seu público houvesse de recordar maravilha mais portentosa.

Anunciado o "benefício", dias a fio se fez correr pela cidade a intrigante expectativa da estréia sensacional. Porque o idolo de Variedades era artista consumado em toda a espécie de espetativa artística. Na que precedia o levantar do pano, como na das mândanças de cena; na dos gestos ao pedir silêncio à orquestra, como na dos reclamos misteriosos que deixavam cada vez entrever uma nova surpresa de suas peças.

E assim chegou o dia do benefício. Os preços foram aumentados e a casa ficou cheia. Nunca o Teatro Variedades se orgulhara de maior sucesso! O melhor da sociedade ali estava ocupando os lugares escolhidos e, lá pela galerias, se espremia também o público modesto, movido pelo desejo de cooperar, de contribuir para que fosse levado algum lenitivo à desgraça do seu semelhante.

E subiu o pano. Ao contrário, porém, do que, em tais ocasiões, era costume suceder, a orquestra não tocou.

A psicose autoritária

(Continuação da 1.ª pag.)

idéia de liberdade. Esquecem que os ideais de liberdade têm uma base no próprio homem, que os ideais de liberdade se levantam sobre a própria concepção filosófica do homem. Ou o homem é livre e por tanto toda a sociedade, toda a humanidade, avança para a liberdade, ou o homem é uma coisa nula, informe.

Precisamos, pois, combater a psicose autoritária com a idéia de liberdade e com a idéia da necessidade da liberdade. O homem deve ser livre, para pleno e harmonioso desenvolvimento de suas faculdades. Só na liberdade se desenvolvem as sociedades e se produz o progresso.

Aos olhos da platéia apareceu toda a companhia agrupada no palco. Os cenários eram lindos, como para uma fantasia maravilhosa; o guarda-roupa que ostentavam homens e mulheres era rico, variegado, luxuoso, estonteantes. Que surpresa não ia haver ali, que novas emoções de arte não iam ser oferecidas a tanta gente ávida de beleza e alegria, ansiosa de gozo e de riso, sedenta de emoção e graça!

Então, o diretor avançou até o centro da cena. Como tantas vezes fizera, empresário feliz, ator festejado, para falar ao seu público. E falou:

— Minhas senhoras e meus senhores, aqui estamos prontos para o espetáculo. Eu e a minha gente preparamos um belo espetáculo e tenho a certeza de que muito espírito e muitas gargalhadas estão aqui dentro à espera dos ditos que as façam saltar, ecoar no nosso Teatro como tantas vezes as temos ouvido. Cumpro a promessa, minhas senhoras e meus senhores. Foram generosos correndo à bilheteria. Vendemos tudo. Obrigado pelo que deram em favor dos desgraçados. Há uma boa soma destinada a secar lágrimas, a mitigar fomes e a sarar doenças. Mas quero crer, respeitável público, quero crer que muito mal faríamos se agora nos pusessemos a gargalhar em cima desse dinheiro que vai apagar tantas tristezas, já que não teve o mágico poder de apagar o fogo destruidor daquelas vidas, daquelas alegrias, daquela felicidade, daquele labor honesto e des preocupado que tragicamente acabou. Por isso desejo poupar a todos o triste papel de rir sobre a miséria e o luto. Não se lastimem pelo trabalho de vestir seus trajes melhores e vir até aqui. Nós também nos vestimos. Não lamentem o dinheiro que gastaram. Nós também vamos dar nossa parte, tirada de nossas economias pessoais para a receita do benefício. E a importância da luz que se gastaria em duas horas no teatro terá igual aplicação. Minhas senhoras e meus senhores, hoje não há espetáculo.

EVAPORA-SE O DINHEIRO DOS SINDICATOS

O deputado mineiro Bilac Pinto acusou violentamente, na Câmara, o presidente Getúlio Vargas, vulgo mãe dos ricos e ex-pai dos pobres, que mandou entregar a um Congresso de Previdência Social dois milhões e quinhentos mil cruzeiros pertencentes aos Institutos operários.

Bilac Pinto lembrou que o mesmo Getúlio, num discurso em 1.º de maio de 1951, no Campo do Vasco, prometera, de pedra e cal, moralizar a aplicação do dinheiro acumulado no Fundo Sindical.

Ora, Getúlio, o autor das leis trabalhistas (ou leis-engana-trabalhadores) estabeleceu uma quota do Estado para esse fundo sindical e o mesmo Getúlio representante do Estado jamais deu um centavo para esse Fundo. Seus sucessores, Linhares e Dutra, não cogitaram do assunto e Getúlio, sucessor de Dutra, Linhares e Getúlio, em vez de pôr dinheiro no Fundo, só faz tirar desse Fundo, tal qual o fez Dutra, grandes quantias que não são suas.

Dêsse modo, não somente o Estado fabricante das leis impostas aos trabalhadores não paga o que deve, como ainda mais, furta ao cofre o que não é seu!

Informou Bilac Pinto que Negrão de Lima, sendo ministro do Trabalho em 46, mandou dar a um congresso sindical 8 milhões, 820 mil cruzeiros. Em outro congresso de trabalhadores da Indústria enguliu-se mais 1 milhão e 200 mil cruzeiros. Todos sabemos o que são esses congressos!

Culpa de quem? Digamos uma vez mais: dos próprios trabalhadores que permitiram o Ministério do Trabalho, que não têm a coragem de coletivamente rasgarem suas carteiras sindicais, recusarem o imposto sindical, mandarem às favas as leis trabalhistas e quem as fez e conserva.

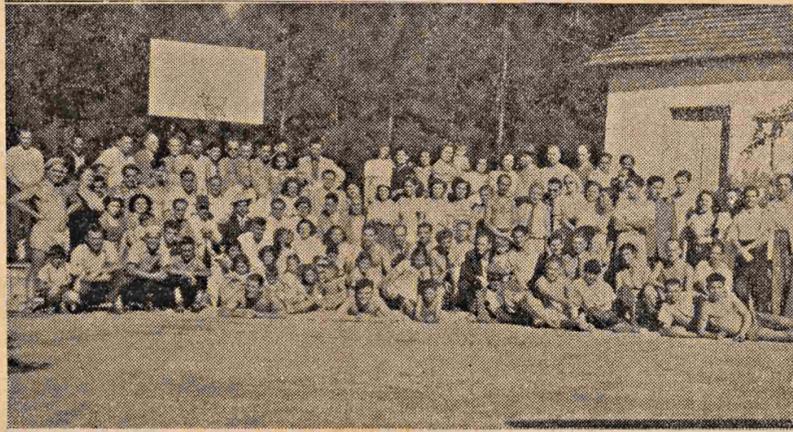
Se assim fizessem, libertariam seus sindicatos e, em vez de serem mandados, passariam a mandar.

São mandados porque não têm a consciência da sua força e entregam os braços às algemas do Estado, esse mito que sempre foi, com Getúlio ou com outro qualquer, mãe dos ricos e algoz dos pobres.

Até quando?

O CONGRESSO DOS ANARQUISTAS BRASILEIROS

17 de DEZEMBRO



RECORDANDO: O primeiro Congresso Anarquista do Brasil, após a queda de Vargas, realizou-se de 17 a 19 de dezembro de 1948. O clichê mostra uma parte dos membros congressistas que afluíram de várias cidades para viverem aqueles dias de alegria e emoção na cidade de S. Paulo

1948

A Igreja e a Questão Agrária

(Continuação da 1.ª pag.)

A segunda recomendação é a de que a desapropriação deve ser a última medida para conseguir esses dois fins. Claro está que a Igreja, grande proprietária em todo o Brasil, é contra qualquer tentativa de desapropriação. Aconselha então o bispo Geraldo que incumbe ao governo dividir suas terras devolutas.

Acetua depois a circular a conveniência de existir, entre as pequenas propriedades, alguma grande, porque a grande pertence a gente mais esclarecida, mais capaz de aplicar métodos de cultura moderna. Por trás disso, vemos o pensamento: mais capaz de absorver as menores, momentaneamente sendo a Igreja. E' isso realmente o que sucede sempre. Como se não bastasse isso para qualificar a Igreja

agrária atesta pouco talento inventivo; é o mais reles possível. A Igreja treme ante o comunismo que lhe arrancaria os latifúndios para tornar o tal Estado Proletário latifundista mor e grande escravocrata. Igreja e comunismo valem-se lindamente. Ambos totalitários de criar bicho, incapazes de formular o único programa exigido atualmente pela humanidade: a coletivização das terras, sem grandes nem pequenos proprietários, sem Estado cultivador, nem Igreja exploradora do trabalho alheio sob a forma de escravo ou de assalariado. Escravo e assalariado são dois nomes para a mesma coisa: a exploração.

Tudo quanto a cachola do bispo Gonçalves esmoou para a tal reforma

agrária atesta pouco talento inventivo; é o mais reles possível.

A Igreja treme ante o comunismo que lhe arrancaria os latifúndios para tornar o tal Estado Proletário latifundista mor e grande escravocrata.

Igreja e comunismo valem-se lindamente. Ambos totalitários de criar bicho, incapazes de formular o único programa exigido atualmente pela humanidade: a coletivização das terras, sem grandes nem pequenos proprietários, sem Estado cultivador, nem Igreja exploradora do trabalho alheio sob a forma de escravo ou de assalariado. Escravo e assalariado são dois nomes para a mesma coisa: a exploração.

A terra é dos trabalhadores e não dos açabarradores, pretos ou vermelhos, e só o Anarquismo prega essa verdade!

AS LADROEIRAS DO FUNDO SINDICAL

(Continuação da 1.ª pag.)

que hoje possui. Nossa tese, apurada na história de todos os tempos é a de que só há ladrões porque há dinheiro, denominador comum da propriedade particular (a propriedade é o roubo, disse Proudhon!). Corolário: onde houver dinheiro há ladrões e tanto mais e maiores ladrões quanto maior for a dinheirama. No SESI há dinheiro? Há. Logo, haverá um Lodi. No Fundo Sindical há dinheiro? Dinheiro grosso. Logo, haverá ladrões.

O sr. Magalhães diz-nos que são conhecidos! Conhecidos ou não, há e haverá enquanto for mina para os ladrões. O Marcial prometeu envenenar os ratos, mas os ratos continuam; Danton Coelho ameaçou os ratos, mas os ratos afixaram mais os dentes; João Goulart conchama forças contra os ratos, mas os ratos lhe roerão até os fundinhos ou se duvidar muito, o viaráo rato. Ponham lá o Mangabeira e mais os Hermes Limas e mais o Magalhães Junior! Os ratos se conchavão, abrião buracos misteriosos e o queijo irá sendo furado sem que esses gatos pretos dêem pela cousa. Porém, advirto esses homens sérios, gatos de fora, de que o quequeijo é bom pituê e seduz muito bichano de bigodes rijos!

Sim! que o mal verdadeiro não são as ratananas, mera consequência; é o dinheiro arrancado ao bolso magro do trabalhador e à administração dos seus donos.

Esse, gritemos pela milésima vez, é o mais berrante insulto aos trabalhadores! Confiar-lhes violentamente vultosa quantia e entregar a administração dessa quantia a uns salafreiros, conhecidos gatunos, para gaúduio seu e dos seus amos!

E o trabalhador não reage! Não se anima a safar seus sindicatos das garras ratoneiras do Estado-capataz! Envenenado pela maconha getulista, queda ainda pitando-a, abobalhado e idiota.

Sim! que o mal verdadeiro não são as ratananas, mera consequência; é o dinheiro arrancado ao bolso magro do trabalhador e à administração dos seus donos.

Esse, gritemos pela milésima vez, é o mais berrante insulto aos trabalhadores! Confiar-lhes violentamente vultosa quantia e entregar a administração dessa quantia a uns salafreiros, conhecidos gatunos, para gaúduio seu e dos seus amos!

E o trabalhador não reage! Não se anima a safar seus sindicatos das garras ratoneiras do Estado-capataz! Envenenado pela maconha getulista, queda ainda pitando-a, abobalhado e idiota.

Supomos que até judicialmente com as provas na mão, isso poderia tentar-se; porém, melhor, muito melhor que seja consequência de uma rebelião fulminante.

Os Dez Princípios Humanitaristas

Por EUGEN RELGIS

bém, harmonia dos contrários. Sirvamos de exemplo o dualismo universal em que tudo concorre, não obstante, a uma harmonia tão unitária.

Matéria e espírito? — espiritualizemos a matéria.

Indivíduo e multidão? — personalizemos a multidão.

Arte e trabalho bruto? — embeleze o trabalho criador.

Religião e ciência? — demos fé à verdade.

Proletariado e capital? — socializemos os meios da produção.

Barbárie e civilização? — demos aos povos a água viva da cultura.

Deus e igreja? — divinizemos o homem.

Que todas as atividades humanas, mantidas nos limites traçados pela natureza, guardem, entre si, os laços vitais — tendam todas, cada uma por seu particular esforço, para o desenvolvimento onilateral da humanidade individualizada.

V

O Pacifismo é o primeiro eixo do humanitarismo. Persuadamo-nos não só da missão pacífica do homem como ainda de sua origem pacífica. A sociabilidade primordial no tempo dos seus antepassados antropóides e a anatomia do seu corpo mostram que o homem não possuía, a princípio, outras armas que a solidariedade numérica e o desenvolvimento da inteligência.

Tenda a ação pacifista, antes de tudo, a despertar o pacifismo primário. O ódio tem-se infiltrado no coração do homem à medida que se têm multiplicado as guerras. Por meio do conhecimento da origem humana, das condições de desabrochamento das civilizações e, sobretudo, pela ciência positiva que temos do organismo da humanidade, fortaleceremos o pacifismo individual. Explicando a todos que as guerras, especialmente em nossa época, são vãs sob qualquer ponto de vista, pois dão resultados contrários aos que almejam, fortaleceremos o pacifismo do povo.

Alicerçados em princípios científicos-biológicos, técnicos, econômicos, culturais — podemos dar ao pacifismo o poder de convicção que leva a ação. O mandamento de consciência: Não mates! (que significa respeitar a vida de todo ser vivo) unir-se-á então ao anseio do coração: A paz seja convosco (o que significa fraternidade entre indivíduos e harmonia entre os interesses dos povos livres)

VI

O Internacionalismo é o segundo eixo do humanitarismo. Surge do pa-

cifismo como os ramos num tronco de árvore. Sempre existiu, sob várias denominações. A solidariedade de horda ou de raça, as alianças entre nações ou classes sociais, a associação entre grupos dispersos por todos os continentes — e também a divisão de trabalho entre os indivíduos e povos — todas são formas (umas embrionárias, outras híbridas) do internacionalismo, ou melhor, da interdependência supranacional.

O interesse predomina sobre tudo e sempre. O internacionalismo técnico evidencia-se com cada progresso — o dos aviões e do rádio, de todas as máquinas que substituem o trabalho bruto do homem. O internacionalismo da ciência é demasiado evidente: a verdade aflui de todos os pontos cardiais como o canto dos poetas, como o verbo dos profetas...

A cultura, como a arte das diversas nações, tem uma essência comum; as mesmas raízes as servem para extrair a seiva do mesmo solo; somente as flores e os perfumes são distintos. Nisso reside a beleza do jardim da humanidade, no qual se harmonizam, submetidas ao mesmo destino as individualidades nacionais, sociais ou pessoais.

VII

A Tendência à Unidade, eis a significação essencial do pacifismo e do internacionalismo. A paz entre os órgãos e a interdependência de suas funções produzem a unidade do organismo individual. A paz entre os povos e internacionalismo econômico, técnico, científico, cultural preparam a unidade suprema da humanidade. A tendência para a unidade abarca os progressos locais ou espécies: — na unidade, variedade.

Por meio da unidade moral, cuja lei é a concordância entre a ideia e o ato;

por meio da unidade psicofísica, isto é, a harmonia entre o corpo e o espírito;

por meio da unidade social, que consiste na compreensão e equilíbrio dos interesses das diversas classes não parastáticas;

por meio da unidade nacional, síntese das unidades individuais e sociais de certa região geográfica, mas sem nenhum caráter agressivo às outras nações;

por meio da unidade de raça ou da unidade continental, que compreende as unidades nacionais vinculadas entre si pela própria civilização, pelo patriotismo cultural ou pela necessidade de uma expansão pacífica.

Por meio de todas essas unidades progressivas, acercamo-nos da unidade planetária da humanidade.

A tendência à unidade da espécie existe, de fato, desde a aparição do homem; sua fonte se acha na realidade do organismo da humanidade. Sejam conscientes dessa tendência: todas as atividades convergem para a criação do Estado único da humanidade. Esse Estado Universal será a expressão social da realidade biológica da humanidade, do progresso técnico, econômico, cultural e espiritual dessa. Finalmente, o Estado universal desaparecerá, sendo absorvido no organismo consciente da humanidade inteira, com o desenvolvimento natural e voluntário das individualidades — produtivas nos terrenos práticos, ou criadores nos domínios ilimitados do espírito livre.

VIII

EVOLUÇÃO CIVILIZADORA — é o método e a prática do humanitarismo. Ela resulta dos demais princípios e não é senão uma seqüência da evolução natural, dirigida pela força e inteligência humana.

O fruto não aparece enquanto não haja raízes, tronco, ramos, folhas, flores e, sobretudo, se não se hauriu antes a seiva da terra. O mesmo ocorre com o indivíduo, com o povo, com a humanidade. E' preciso possuir todos os elementos e o necessário tempo. Cada coisa a seu tempo! De um degrau a outro, de um cimo a outro — é assim que se realiza o ideal. Porém, não definitivamente! Sempre mediante transformações imperceptíveis, por impulsos naturais, por vontades conscientes.

A perfeição não existe — só a tendência para ela. O método revolucionário pertence aos que creem que o ideal pode ser conquistado integralmente e que é possível antepor o porvir. Uma revolução dá nascimento a outra revolução, do mesmo modo que de uma guerra surge outra guerra. A verdadeira revolução não é mais que o termo final da evolução.

Os utopistas e os tradicionalistas são escravos do Absoluto. O presente deve ser uma síntese viva do passado e do porvir: — que o mono e o super-homem fraternizem no homem atual, mero degrau na cadeia da vida que ascende como infinita espiral.

IX

AMOR E LIBERDADE — são essas as armas da humanidade, manejáveis segundo uma só lei: Conhece-te a ti mesmo! Pela autodeliberação de uma tradição tornada parastática, dos amores egocêntricos que não se manifestam senão pelo ódio, por essa purificação no vasto rio da vida humanizada,

podemos chegar a amar verdadeiramente o próximo e a defender sua liberdade como a nossa própria.

A força no domínio social e a intolerância no domínio moral e intelectual não produzem outros efeitos que gerar força e intolerância contrárias. Os tiranos — classes, Estados, raças — que oprimiam a maioria da humanidade pereceram por sua gigantania. Engrandeceram-se desmedidamente, olvidando o negro e a saber que também há outras tendências de crescimento e conservação. Foi o peso de sua própria força que os esmagou e matou.

E os dogmáticos — os fanáticos leigos ou eclesiásticos — os tiranos da alma e os verdugos do livre pensamento, creram (e ainda creem) que a alma e o espírito da humanidade podem ser premiados em certos moldes sociais ou intelectuais. Se não correspondem aos meandros naturalmente cavados pelas tendências do indivíduo e da espécie o molde ideal dos pretensos reformadores e condutores de povos rompe-se. O progresso da civilização excede demasiado o progresso moral: — que tua humanidade interior e a de toda individualidade social corresponda à humanidade real do planeta.

X

AGORA — não AMANHÃ começará a humanizar-te. Não esperes ordem alheia; obedece alegremente a teu próprio mandato. Tantas gerações há que murmuram em teu coração e tantos tesouros reunidos em torno a ti que esperam para refletir-se em tua consciência!

Libera-te, não somente dos grilhões que te entorpecem os pés: — que pode um corpo livre se o espírito se acha encadeado?

Amã e ilumina sem descanso teu próximo: — que pode o espírito livre numa sociedade ignorante e escravizada?

Sê homem e tão multilateral quanto possível — mas, sobretudo, aplica-te a realizar tua tarefa quotidiana. E poderás dizer a não importa quem e não importa quando:

— Elevei-me acima da minha própria Individualidade, cheia de heranças más;

elevei-me acima da classe em que me situava meu trabalho;

elevei-me acima do Estado cujas leis me humilham, oprimem e rebelam;

elevei-me acima da Pátria em que nasci casualmente — e acima da Sociedade que especula sobre todas as minhas necessidades e sobre todos os meus atos;

elevei-me acima da Raça que me modelou — e não conservando disso senão o que é belo, verdadeiro e bom, fundi tudo em minha humanidade que permanece ativa e fiel nesta Terra onde cresceu minha espécie.

E, se alguém reclamar tua carta de nacionalidade, replica simples e resolutamente:

— Não tenho! Porém quero ser, porque assim me sinto, Cidadão da Humanidade livre e, não obstante, solidário, na suprema harmonia do mundo.